

RUBEM BRAGA

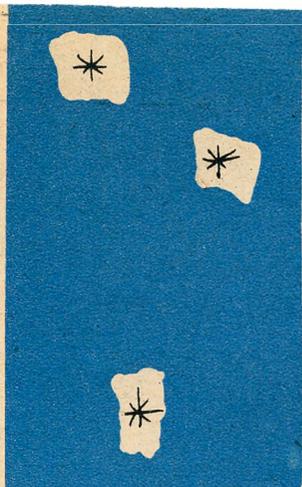
HISTÓRIA DE

ISSO ME ACONTECEU NO CHILE, EM 1955

A mulher entrou no meu escritório com um sorriso muito amável e os olhos muito azuis. Desenrolou um mapa e começou a falar com uma certa velocidade, como é uso dos chilenos. Gosto de ver mapas, e me ergui para olhar aquê.

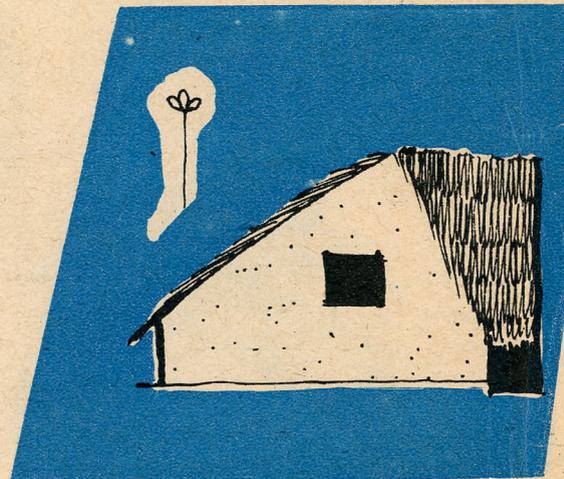
Quando percebi que se tratava de um loteamento e a mulher queria me vender uma «parcela» me coloquei na defensiva; disse que no momento suspendera meus negócios imobiliários, e até estava pensando em vender meus imensos territórios do Brasil; que, além disso, o Chile é um país muito estreito e sua terra deveria ser dividida entre seu povo; até ficaria mal a um estrangeiro querer especular com um trecho da «faja angosta», que é como os chilenos chamam sua tira estreita de terra, que por sinal costumam dizer que é «larguíssima», para assombro do brasileiro recém-chegado que não sabe que isso em castelhano quer dizer «compridíssima».

Os olhos azuis fixaram-se nos meus, a mão ágil mer-



FNA
Fundación
NEMESIO
ANTÚNEZ

MARES E QUADROS



gulhou numa pasta, extraiu de lá fotografia de um terreno plantado de pinheirinhos de dois ou três anos; não se tratava de especulação imobiliária; dentro de poucos anos eu seria um madeireiro, poderia cortar meus pinheiros... Ponderei que tenho uma pena imensa de cortar árvores.

— A senhora não tem ?

Ela também tinha. E então baixou a voz, sombreou os olhos de poesia, e me disse que ela mesma, corretora, também comprara duas parcelas naquele terreno. E tinha certeza — confessava — de que também não teria coragem de mandar cortar seus pinheiros; também adorava árvores e passarinhos, cortaria apenas os pinheiros necessários para fazer uma casinha de madeira; o lugar é lindo, em um pequeno planalto, dá para uns penedos junto ao mar; as árvores choram e cantam com as ondas quando sopra o vento do oceano...

Confesso que paguei a primeira prestação; ela passou o recibo, sorriu, me disse «muchas gracias», e «hasta

lueguito» e partiu com seus olhos azuis, me deixando meio tonto, com a vaga impressão de ter comprado um pedaço do Oceano Pacífico.

Agora no Rio, em 1958.

Um pintor chileno, Nemésio Antunez, está expondo no Museu de Arte Moderna. Gostaria de comprar quadros seus, mas o dinheiro anda curto. Conversamos muito tempo da praia de Ipanema; falamos de mar, de oceanos, do Atlântico, do Pacífico. Conto-lhe que sou dono de um pinhal à beira do Pacífico...

E trocamos centímetros por quilômetros quadrados. Ele me dá três quadros, eu lhe transfiro meu lote chileno.

Acho que nenhum de nós dois ficará rico jamais. Não somos homens de negócios. Sinto-me, entretanto, mais proprietário agora do que antes. Tenho um quadro aqui na sala. Dêle não poderei extrair madeira um dia, mas gosto de olhá-lo. Ele me faz sonhar. Como os olhos azuis daquela mulher que um dia me vendeu uma janela sôbre o Pacífico.